



NO TEMPLO CRISTÃO

No Templo Cristão

Coletânea

Organização:
Jenise Torres

Distribuição Gratuita:
GISM
São Paulo, SP

No Templo Cristão

Coletânea

1ª. Edição: 3 mil exemplares

2011

Responsável pela Organização: Jenise Torres

Imagem: Fotolia

Capa e Projeto Gráfico: Alexandre Rocha

Revisão: Jenise Torres

Impressão e Acabamento:



PoloPrinter

Rua Antônio das Chagas, 550 - Ch. Sto, Antônio

CEP 04714-000 – São Paulo-SP

Telefone: 11 3791-2965

Responsável pela distribuição gratuita:

GBM

Gravadora Boa Música

Av. Felipe Carrillo Puerto, 222

CEP: 05890-000 – Jd. IAE

São Paulo-SP

Elias Reis de Azevedo

Telefones: 11 5821-0733

11 9268-2999

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	06
Introdução.....	08
● 1 Nunca Digas: Isto é Falso.....	11
● 2 Princípios da Música no Templo Cristão.....	17
● 3 Filosofia de Música no Templo Cristão.....	22
● 4 O Poder Oculto da Música	24
● 5 Convocação para o Louvor	27
● 6 Rock in ... Igreja ?!	31
● 7 O Cristão e a Música Rock.....	38
● 8 História da Música Gospel	47
● 9 Comentário.....	53
● 10 A Música que Agrada a Deus.....	55
● Conclusão	69

Apresentação

Como nunca antes a música

de ser secularizada em vários níveis; e as lideranças

das Igrejas parecem estar apenas observando os acontecimentos, parecem estar consentindo com a ideia de igualar o sagrado com o profano.

Parece que as lideranças das Igrejas estão em competição com o mundo no que diz respeito a conquistar mais público e, por causa disso, argumentam que toda e qualquer abordagem é válida para alcançar as pessoas onde elas estão. Porém é sempre importante lembrar que a missão da Igreja é trazer as pessoas para o redil do Senhor, de acordo com as diretrizes dEle.

O anjo de luz que se transformou em Satanás permanece sendo, abaixo do Criador, o conhecedor máximo da sutil influência que a música tem sobre as criaturas. Aos poucos, ele está desvirtuando a adoração ao Criador em idolatria de pessoas. Aos poucos, ele está transformando as igrejas em palcos de “shows” para ele ser veladamente cultuado.

Mas o Criador sempre demonstrou Seu amor pelos seres criados à Sua semelhança, atuando através de pessoas realmente preocupadas com o crescimento espiritual de

Suas criaturas. É o caso da organizadora desta coletânea, a senhora Jenise Torres, professora, graduada em Letras e em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-graduada em Tecnologia Educacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em parceria com o produtor musical Elias Reis de Azevedo, graduado em Teologia, e proprietário da quinquenária gravadora GBM em São Paulo, nos oferecem uma séria pesquisa de muito boa qualidade para nossas reflexões sobre a música no templo cristão.

Peço ao nosso Deus que abençoe este trabalho, a fim de que ele seja útil para aquelas pessoas sinceramente interessadas em encontrar a maneira de transformar as “igrejas-auditórios” em igrejas-santuários do Criador.

HORNE PEREIRA DA SILVA

Doctor of Ministry pela Andrews University (Michigan, USA). Pastor, escritor e professor em cursos de graduação em teologia.

Introdução

A pessoa seguidora de Jesus Cristo (cristianismo) tem a Bíblia como referência para as escolhas de sua vida. Esta pessoa aceita viver nos princípios e nos valores cristãos voluntariamente. Esta pessoa discerne que tal aceitação a liberta das tendências da moda de momento; a liberta das tradições específicas que limitam a visão mais ampla dos fatos; a liberta das pressões de grupos que limitam a individualidade porque impõem a vontade da maioria; a liberta da dependência das emoções sobre certo e errado que oscilam com frequência; a liberta da tirania do egoísmo.

Esta publicação é o resultado de pesquisa de livros e artigos de revistas de diversos autores cristãos e organizada na forma de coletânea. O objetivo principal desta coletânea é propiciar reflexões sobre o louvor musical no templo cristão.

Este trabalho pretende estimular uma busca de esclarecimento sobre a diferença entre um louvor musical de acordo com os princípios do Criador registrados nos textos bíblicos, e um louvor musical de submissão aos diversos interesses humanos e às emoções pessoais.

Minha esperança é que esta coletânea possa ser mais outra contribuição para a liberdade de escolha no amor de

JESUS CRISTO, porque o Amor a Ele deve ser o fundamento de cada escolha daquela pessoa que decidiu segui-Lo.

“Ó homem, Ele te declarou o que é bom. Por acaso o Senhor exige de ti alguma coisa além disto: que pratiques a justiça, ames a misericórdia e andes em humildade com o teu Deus?” – Miquéias 6: 8.

Jenise Torres

Professora

Graduada em Letras e em Música (UFRJ)

Pós-Graduada em Tecnologia Educacional (UERJ)

jentorres@bol.com.br

Referências Bíblicas:

Bíblia Sagrada Almeida Século 21, Editora Vida Nova, SP, 2008

Nunca digas: Isto é falso

Autor: Gerson Gorski Damaceno

Há um provérbio com o

assunto. É preciso estudar para conhecer; é preciso conhecer para compreender; é preciso compreender para julgar.

Este provérbio estimula a busca por mais conhecimentos. E é com base na compreensão dos conhecimentos adquiridos que melhores análises podem ser feitas para decisões conscientes apropriadas a cada contexto.

Por isso, somos da opinião de que todo cristão precisa investigar profundamente na Bíblia a questão da música a ser adotada em sua vida pessoal, e investigar qual o tipo de música adequado a ser utilizado como veículo de adoração no templo.

Paul McCommon, quando secretário do departamento

de música sacra da Convenção Batista de Atlanta (USA), registrou que no tempo dos levitas “pode-se verificar, claramente, que não se considerava a música como alguma coisa que pudesse colocar nas mãos de qualquer voluntário desejoso de assumir a direção, e a Bíblia especifica muito bem de como Moisés, em seu tempo, educava o seu povo para entender de arte musical e Quenânias, chefe dos levitas encarregado dos cânticos, os ensinava porque era hábil” (A Música na Bíblia, Casa Publicadora Batista, RJ, 1963, p. 110 e 111).

“e Quenânias, chefe dos levitas, estava encarregado dos cânticos e os dirigia, porque era capacitado” – I Crônicas 15: 22.

Dentro dos templos cristãos, em muitos casos, as mensagens musicais são consideradas como ferramentas auxiliares no ritual do culto, quando na realidade elas são o próprio cultuar o Criador. Portanto, é preciso haver uma séria preocupação com o tipo de música usado no templo para tal adoração.

João Wilson Faustini – pastor, organista, cantor, regente de coral e escritor – ressaltou que no culto no templo “sempre deve ser usado o melhor e o mais santo” (Música e

Adoração, Imprensa Metodista, Publicação Coral Religiosa Havelina Harper, SP, 1973, p. 23).

“A vontade de deus para vós é esta: a vossa santificação ...” – I Tessalonicenses 4: 3.

O professor e pregador John Blanchard afirmou: “Santidade não é coisa fácil de obter, a piedade jamais é conferida num prato ao cristão. A vida cristã é uma luta, não um festival; um conflito, não um show” (Pop Goes the Gospel, Editora Fiel, SP, 1985, p. 150).

Considerando a preocupação da comunidade científica mundial com a poluição ambiental, e a poluição sonora está inclusa, causa-nos surpresa o fato de que em muitos templos cristãos hoje é comum o uso de aparelhagens de som em altíssimo volume, especialmente nas apresentações musicais. Estamos todos bem informados sobre o quanto é essencial para o perfeito funcionamento do organismo humano que existam ambientes propícios ao desenvolvimento equilibrado das potencialidades humanas com vistas à saúde completa.

Relembramos, também, que são ambientes propícios para música aqueles templos em cujo projeto de arquitetura

houve planejamento considerando o aspecto acústico.

Se não forem adotadas providências racionais efetivas em curto prazo, quanto ao controle sonoro nos diversos ambientes humanos, a perda da acuidade auditiva atingirá índices globais e existirá uma grande quantidade de pessoas com surdez. E ainda é importante compreender que existem ritmos musicais que, somados ao alto volume da música apresentada, podem ser considerados agentes de poluição física, moral e espiritual.

O filósofo e professor Edgar Williems fez uma comparação dos três elementos da música (melodia, ritmo e harmonia) com as três características do ser humano (físico, emocional e intelectual). Em seu estudo é feita uma correlação entre esses elementos: o ritmo da música corresponde ao físico humano, a melodia da música corresponde ao emocional humano, e a harmonia da música corresponde ao intelecto humano (As Bases Psicológicas da Educação Musical, Edições Pro-Música, Bienne, Suíça, 1970, p. 15).

Albert Roustit, doutor em musicologia e pesquisador no campo da teologia, observou que o predomínio do elemento ritmo na música demonstra que as pessoas atribuem maior valor ao aspecto físico humano; e que os as-

pectos emocional (melodia) e intelectual (harmonia) são tidos como de menor importância (La Prophetie Musicale dans L'Histoire de L'Humanité, Éditions Horvarth, Roanne, França, 1972, p. 253).

Nos templos cristãos, cada vez mais, as pessoas se expõem a sons musicais exageradamente amplificados e usados como apoio para marcar ritmos balanceados que são estimuladores de agitação excessiva. Na realidade, o que se ouve e se vê são expressões e trejeitos teatrais na tentativa de imitar os “ídolos” do momento. Então, perguntamos: Quem está sendo adorado?

Parece que as pessoas estão confusas quanto ao que é adequado nos templos. Parece que não sabem que existem ambientes diferentes e situações diferentes para serem usados estilos musicais diversos. O que se tem observado é uma vulgarização na escolha de certas músicas no culto de adoração e louvor ao Criador.

Sempre estão em minha mente as palavras de Santo Agostinho: “Quando me acontece ficar mais comovido com a voz do que com a mensagem, confesso que ofendi gravemente a Deus. Nessa hora eu preferia não ter ouvido aquela música” (Confissões 10: 33).

É lamentável constatar que as atuais formas de louvor que observamos nos templos cristãos estejam propiciando o gradual desaparecimento dos corais; bem como propiciam a depreciação dos músicos instrumentistas pelo excessivo uso do “play back”.

Todos nós precisamos nos conscientizar da influência dos sons musicais no físico, no psicológico e principalmente no espiritual das pessoas. Todos nós precisamos estudar a Bíblia para conhecer a vontade do Criador. E conhecendo a vontade do Criador, precisamos pedir sabedoria a Ele para compreender como fazer a Sua vontade. O sábio rei Salomão aconselhou:

“Jovem, alegra-te na tua mocidade, e anima o teu coração nos dias da tua mocidade. Segue pelos caminhos do teu coração e pelo desejo dos teus olhos. Porém sabe que deus te trará a juízo por todas estas coisas”
– Eclesiastes 11: 9.

GERSON GORSKI DAMACENO

Doutor em Educação Musical pela University of Cincinnati, College – Conservatory of Music (Ohio, USA). Professor especialista nos métodos de Orff, Kodály, Dalcroze, Martenot, Suzuki e Willems para o ensino de música. Proprietário e Diretor do Conservatório Internacional de Música em Itararé (SP) e Maestro do Coral Interdenominacional em Itararé (SP).

Princípios da Música no Templo Cristão

No livro Princípios da B

(2005), Eurydice Osterman afirmou:

“Nem toda música religiosa é boa e nem toda música secular é má. Quando os princípios seguintes são aplicados a ambos os tipos de música, podem ser feitas escolhas para acomodar os gostos individuais, institucionais e culturais”.

De acordo com a autora acima, quanto à escolha da música a ser executada no templo, é preciso que sejam levados em consideração: o contexto (filosofia de música baseada em valores e crenças doutrinárias cristãs), a função e a adequação (atender as necessidades espirituais e sociais para nutrição, edificação e crescimento da igreja), a performance e o decoro (conhecimento, compreensão e habilidade para efetiva comunicação da mensagem através

da música com maneiras comportamentais respeitadas ao templo), o estilo (evitar a mistura de santo e profano, descartando traços culturais que são apenas incidentais e que não devem ser nem o foco e nem a motivação para a música religiosa cristã) e a letra (mensagens que sejam de louvor ao Criador e que reforcem as doutrinas e crenças da Igreja, bem como seus valores morais para elevar o espírito do ouvinte).

No livro *O que Deus diz sobre Música* (Unaspress, SP, 2005), Eurydice Osterman esclareceu que a música apropriada ao templo cristão é aquela que:

Deve construir e ter uma influência edificante sobre o caráter

“Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, amabilidade e domínio próprio. Contra essas coisas não existe lei” – Gálatas 5: 22 e 23.

2. É para ser apresentada ou ouvida na presença de Deus “Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua presença? Se eu subir ao céu, lá Tu estás; se fizer a minha cama nas profundezas, Tu estás ali também. Se tomar as asas da alvorada, se habitar nas extremidades do mar, ainda ali a Tua mão me guiará, e a Tua mão direita me sustentará” – Salmo 139: 7 a 10.

3. Deve possuir valor moral para promover crescimento espiritual e intelectual

“... seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo nAquele que é a cabeça, Cristo. NEle o corpo inteiro, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a correta atuação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo no amor” – Efésios 4: 15 e 16.

4. O santo não deve ser misturado ao profano

“Eles ensinarão Meu povo a distinguir entre o santo e o profano, e o farão discernir entre o impuro e o puro” – Ezequiel 44: 23.

5. Deve ser funcional, isto é, adequada a cada ocasião

“Tudo tem uma ocasião certa, e há um tempo certo para todo propósito debaixo do céu” – Eclesiastes 3: 1.

6. Não deve ser prejudicial ao templo do corpo

“Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de deus, e que não sois de vós mesmos? Pois fostes comprados por preço; por isso, glorificai a deus no vosso corpo” – I Coríntios 6: 19 e 20.

“Se alguém destruir o santuário de deus, este o des-

truirá; pois o santuário de deus, que sois vós, é sagrado” – I Coríntios 3: 17.

7. Deve ter qualidades artísticas (equilíbrio entre ritmo, melodia e harmonia) que resistam ao teste do tempo

“Porque tudo o que há no mundo, o desejo da carne, o desejo dos olhos e o orgulho dos bens, não vem do Pai, mas sim do mundo. Ora, o mundo passa, bem como seus desejos; mas aquele que faz a vontade de deus permanece para sempre” – I João 2: 16 e 17.

8. Deve ser edificante ao ouvinte “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai” – Filipenses 4: 8.

9. Não deve ser ofensiva e nem ser como pedra de tropeço a ninguém

“Todas as coisas são permitidas, mas nem todas são proveitosas. Todas as coisas são permitidas, mas nem todas são edificantes. Ninguém busque seu próprio bem, e sim o dos outros” – I Coríntios 10: 23 e 24.

“Portanto, seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de deus. Não vos torneis motivo de tropeço nem para judeus, nem para gregos, nem à igreja de deus, assim como em tudo eu também procuro agradar a todos. Pois não busco meu próprio bem, mas o de muitos, para que sejam salvos” – I Coríntios 10: 31 a 33.

10. Deve ser escolhida sob a guia do Espírito Santo
“Quando, porém, vier o Espírito da verdade, Ele vos conduzirá a toda a verdade. E não falará de Si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir” – João 16: 13.

EURYdICE VALENIS OSTERMAN

Doutora em Arte Musical pela University of Alabama. É palestrante internacional, compositora, arranjadora, educadora musical, regente, organista e pianista.

Filosofia de Música no Templo Cristão

A partir dos princípios expostos anteriormente, é aconselhável que os responsáveis pelo louvor musical no templo compreendam a importância espiritual de alcançar os seguintes objetivos gerais da filosofia de música cristã.

1. Ajudar na adoração ao Criador, direcionando o foco de atenção para Ele;
2. Enobrecer, elevar e purificar os pensamentos dos indivíduos;
3. Influenciar no desenvolvimento do caráter de Jesus Cristo nas pessoas (amor, fé, verdade, reverência, obediência, respeito, pureza, honestidade, sinceridade, alegria);
4. Ter letra em harmonia com os ensinamentos doutrinários da Igreja;
5. Existir compatibilidade entre a mensagem por palavras e o estilo musical, evitando misturas que proporcionem irreverência na Casa de Adoração ao Criador;
6. Evitar exposições públicas que prejudiquem a adoração ao Criador, porque o templo não é clube social para entretenimento e nem ambiente de espetáculos para diversão;

7. Evitar que os instrumentos musicais de acompanhamento abafem a mensagem cantada tanto pela congregação quanto por cantores;
8. Estimular e manter o equilíbrio entre as características humanas nos campos emocional, intelectual e espiritual na forma e no conteúdo da música;
9. Estimular o princípio de dignidade, evitando procedimentos imprudentes e duvidosos com o intuito de justificar a conquista, a qualquer preço, de novos membros para a comunidade cristã;
10. Ser uma música adequada às diversas ocasiões no templo, ou seja, compatível com cada ritual e com cada cerimônia.

“Pai nosso que estás no céu, santificado seja o Teu nome; venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu” – Mateus 6: 9 e 10.

O Poder Oculto da Música

Autor: David Tame

(Editora Cultrix, SP, 1984)

“Em conclusão, podemos dizer que, até agora, no que concerne ao corpo físico, a noção de que a música não exerce efeito algum sobre o homem, ou de que ela é inofensiva, deve ser posta de lado por ser totalmente errônea” (pg. 151).

Você sabia que um dos importantes resultados da investigação científica sobre os efeitos das ondas sonoras no cérebro humano é a descoberta de que a música inicialmente estimula as áreas responsáveis pelas emoções, e depois é que ela é percebida pelas áreas responsáveis pelo raciocínio?

Você sabia que esta descoberta científica propiciou a terapia através da música (musicoterapia) e que tem mostrado ser eficaz no tratamento de pacientes mentalmente enfermos?

Você sabia que em muitos casos a musicoterapia é o

único canal de acesso para o tratamento de certas doenças mentais, porque determinadas áreas do cérebro humano só são alcançadas pela música e não por palavras?

Seguem abaixo trechos selecionados do livro citado para uma melhor compreensão deste assunto:

“É difícil encontrar uma única fração do corpo que não sofra a influência dos tons musicais. As raízes dos nervos auditivos estão mais amplamente distribuídas e possuem conexões mais extensas que as de quaisquer outros nervos do corpo [....]. Mostrou a investigação que a música influi na digestão, nas secreções internas, na circulação, na nutrição e na respiração. Verificou-se que até as redes nervosas do cérebro são sensíveis aos princípios harmônicos” (pg. 147).

“Vemos, portanto, que a música afeta o corpo de duas maneiras distintas: diretamente, como o efeito do som sobre as células e os órgãos, e indiretamente, agindo sobre as emoções, que, depois, por seu turno, influenciam numerosos processos corporais. Como indica o efeito indireto dos tons sobre a laringe, as melodias provocam a ocorrência de uma longa história de tensões e relaxações em muitas partes do corpo. Se o músico estiver tocando o seu instrumento, poder-se-á dizer também que ele está “tocando” o corpo e a mente do público” (pg. 147).

“O fato de o ritmo nos agitar ou acalmar parece depender, em primeiro lugar, da maneira com que a frequência de suas batidas se relaciona com a pulsação cardíaca normal de 65-80 batimentos por minuto [....]. Os ritmos acelerados elevam o ritmo das pulsações do coração e, portanto, elevam a excitação emocional” (pg. 149).

“Os vários povos do passado concordavam de forma impressionante em seus pontos de vista sobre a música. Nenhum deles a concebia tal como hoje se concebe, como sendo apenas uma forma intangível de arte de escassa importância prática” (pg. 17).

A partir do registro bíblico no Antigo Testamento, capítulo 16 de I Samuel, é oportuno fazer uma reflexão sobre o versículo 23:

“Quando o espírito mau da parte de deus vinha sobre Saul, davi pegava a harpa e a dedilhava; então Saul sentia alívio e ficava melhor, e o espírito mau se retirava dele”.

dAVId TAME

Musicólogo cuja atividade é o estudo científico da música, pois a música é ao mesmo tempo arte e ciência. Um dos objetivos de seu trabalho é analisar os complexos desdobramentos da atividade musical, abordando sobre suas implicações sociais e ideológicas.

Convocação para o Louvor

Autor: Terry Law

(Síntese do Artigo da Revista “Mensagem da Cruz” nº 75,
Editora Betânia, MG, 1987)

“**A**música tem o potencial de nos influenciar para o bem ou para o mal, porque somos afetados pelo espírito que inspira cada peça musical” (pg. 11).

Deus criou seres espirituais chamados anjos e criou arcanjos para liderá-los, sendo Lúcifer um desses arcanjos. Em Ezequiel 28:13 encontramos informação sobre Lúcifer:

“Estiveste no Éden, jardim de deus; tu te cobrias de toda pedra preciosa: a cornalina, o topázio, o ônix, o crisólito, o berilo, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda. de ouro foram feitos os teus tambores e as tuas flautas; eles foram preparados no dia em que foste criado”.

Em Isaías 14: 11 a 14 há mais outra informação sobre Lúcifer:

“O teu orgulho foi lançado na sepultura, junto com o som de tuas harpas; a tua cama é de bichinhos, e a tua coberta, de larvas. Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que enfraquecias as nações! Tu dizias a ti mesmo: Subirei ao céu, elevarei o meu trono acima das estrelas de deus e me assentarei no monte da congregação, nas extremidades do Norte. Subirei além das nuvens e serei semelhante ao Altíssimo”.

Incluir as habilidades com instrumentos musicais (percussão, sopro e cordas) na descrição de quem é Lúcifer, sugere que a ele foi dado o dom musical para criar ritmos, melodias e harmonias; bem como sugere que ele era o responsável pela liderança das hostes angélicas quanto ao louvor através da música. Deduz-se, então, que Lúcifer foi criado para envolver a glória do Criador em música.

Com a queda de Lúcifer (a “estrela da manhã”) a função da música foi alterada e transformada por ele em algo não celestial. O mesmo dom que lhe foi dado ao ser criado continua existindo nele, mas aplicado contra o Criador. A habilidade musical que lhe foi doada pelo Criador está direcionada para louvar a si mesmo (“e serei semelhante ao Altíssimo”).

A cada dia é possível observar que o cenário musical mundial, religioso ou não, está fortemente impregnado de ocultismo. A arte musical está sendo cada vez mais arrastada para um clímax de frenesi e entorpecimento das capacidades de pensar e de agir, a fim de possuir a mente das pessoas.

Neste artigo citado está o registro das ideias expostas pelo líder de um conjunto de rock:

“Se você analisar bem a música rock verá que ela passou por fases distintas e em cada uma das fases apelou-se para um aspecto da personalidade humana. No final dos anos cinquenta e início da década de sessenta o rock apelou predominantemente para o sexo. No início da década de setenta o rock levou os jovens a se envolverem com certas causas reacionárias e, assim, começou a associação do uso das drogas com a música rock. No final da década de setenta o rock gerou outra modalidade de música chamada “punk” que criou uma compulsão para a violência. Mas aos poucos descobrimos que a melhor motivação que existe para se desejar qualquer coisa é o sentimento religioso. Por isso, a partir da década de oitenta a música rock estará em cultos religiosos e os líderes das bandas serão vistos como os “messias”. Faremos contatos profundos

com Satanás e faremos alianças com ele. Rezaremos pelos enfermos e levantaremos pessoas de suas cadeiras de rodas. Vamos ser adorados” (pg. 14).

Lúcifer (Satanás) é uma criatura de uma espécie superior à espécie humana. Este arcanjo continua tendo poderes que nenhuma criatura humana tem. Ele pode produzir curas atuando no psicossomático humano e convencer muitas pessoas de que houve uma cura real. Ele é o mestre da ilusão, da falsidade.

Em João 8:44 verificamos mais outra informação de quem é Lúcifer:

“O vosso pai é o diabo, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, pois nele não há verdade. Quando ele mente, fala do que lhe é próprio, pois é mentiroso e pai da mentira”.

TERRY LAW

Pregador cristão que desde 2003 dedica-se ao Projeto “World Compassion” realizado em países muçulmanos e em países comunistas. Este projeto coordena a doação de bíblias para crianças. Como escritor publicou diversos livros, artigos e folhetos que foram traduzidos em mais de setenta idiomas.

Rock In ... Igreja?!

Autor: John Blanchard

(Editora Fiel, SP, 1987)

“**D**urante estes quinze anos temos contemplado o surgimento de um cenário cristão de música. Há gravadoras, agências de prestação de serviços, agências de turismo, músicos que vivem exclusivamente da música, promotores de shows, e toda espécie de demais atividades. Em lugar dessa subcultura se alicerçar nos padrões cristãos de fato, assim como em sua nomenclatura, parece-nos que em uma parte desse cenário musical cristão tem se tornado, na verdade, subcristão. Alguns dos músicos cristãos vivem excessivamente preocupados com a fama, com sua imagem; algumas gravadoras parecem ter a filosofia de visar lucro à custa dos ministérios dos músicos, e, já que seu pacote vem embrulhado na justificativa e na linguagem pseudo-evangélica, poucos têm percebido o que está acontecendo” – TOM MORTON (pg. 86).

A primeira referência bíblica sobre música, músicos e instrumentos musicais ocorre algumas gerações após a criação de Adão e Eva, quando são relatados os dons concedidos pelo Criador aos três filhos de Lameque com suas esposas Ada e Zilá: “Ada deu à luz a Jabal: este foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado. O nome de seu irmão era Jubal: este foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta. Zilá, por sua vez, deu à luz a Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro” – Gênesis 4: 20 a 22.

Estes três homens foram os fundadores de três grupos de pessoas: o primeiro (Jabal) era fazendeiro e o terceiro (Tubalcaim) era ferramenteiro. Os dons a eles concedidos demonstram que a agricultura, a pecuária e a indústria são importantes para o bem-estar humano. Porém o irmão do meio (Jubal) era músico. Isto demonstra que a espécie humana é mais do que um trabalhador que se alimenta e produz. O dom da música demonstra que o ser humano foi criado com necessidades não só materiais, mas também com necessidades emocionais e espirituais que são supridas pela arte.

“A música não é apenas algo potencialmente agradável; é algo fundamental às necessidades totais do homem

total e Deus amorosamente supriu o homem com a habilidade de exercer os dons recebidos e pudesse criar música. O quadro é simples e lindo. A própria existência da música deveria nos impelir a louvar a Deus que a deu a nós” (pg. 109).

Ao Antigo Israel foram dadas instruções quanto aos instrumentos musicais que deveriam ser usados dentro do templo, a fim de que fosse mantido um procedimento compatível com o ambiente de adoração. A música estava sob rigoroso controle para que ela não se tornasse o elemento predominante no culto.

Existiam diversos instrumentos musicais no Israel antigo, mas somente a harpa, a lira, o címbalo e a trombeta foram autorizados pelo Criador a Moisés para uso no templo. Os demais instrumentos musicais eram usados em atividades sociais típicas que aconteciam nos ambientes comunitários e domésticos.

Os músicos no templo eram pessoas que pertenciam a determinadas famílias selecionadas para esta função. Esses músicos atuavam em certas ocasiões litúrgicas especiais e somente tocavam ou cantavam em momentos específicos do culto de adoração.

O autor deste livro citado faz a lista de suas principais preocupações com relação à “música pop evangélica” executada nos templos cristãos:

1. Facilmente promove o mundanismo
2. Encoraja o exibicionismo
3. Apresenta o Evangelho como entretenimento
4. Reduz a mensagem do Evangelho à mera trivialidade
5. Revela uma falta de fé na força da Palavra de Deus
6. Tende a diminuir a importância do Evangelho
7. Promove a cisão na igreja por ampliar a distância entre as gerações.

“Negamos o senhorio de Jesus quando nós decidimos usar quaisquer meios que escolhemos, fazendo Jesus entrar em cena nessa altura para pedir a Sua bênção sobre nossa escolha. O dever do músico é o mesmo que o de qualquer outro cristão – o de começar pelas Escrituras e descobrir exatamente quais os métodos e os meios que Deus autorizou” (pg. 25).

“deus é Espírito, e é necessário que os que O adoram O adorem no Espírito e em verdade” – João 4: 24.

Cristianismo significa seguir a JESUS CRISTO. Cris-

tianismo significa colocar de lado o “gosto” e o “não gosto”. Cristianismo é determinação individual para ouvir o Criador, investigando os textos bíblicos com a mente aberta ao aprendizado. Cristianismo é determinação individual para fazer a vontade do Criador, dispondo-se a entregar a si mesmo a Ele por completo e permanentemente.

Cada música que se compõe, que se toca, que se canta, que se ouve e que se usa, tanto na adoração ao Criador no Espírito quanto na propagação do Evangelho, deve ser submetida às seguintes perguntas:

1. O som, a letra e o caráter da música ajudam a ouvir a Bíblia racionalmente?
2. Esta música ajuda a ampliar a visão pessoal sobre a santidade do Criador?
3. Esta música ajuda a proporcionar um ponto de vista penitente sobre a necessidade da criatura humana ser perdoada por seu Criador?
4. Esta música ajuda a encorajar um viver disciplinado e piedoso no Senhor?
5. Esta música ajuda a marcar a diferença entre um viver cristão e um viver secular?
6. Esta música ajuda a atrair os cristãos à obra missionária?

7. Esta música ajuda no reavivamento espiritual ou ela é somente agradável às emoções humanas?

Na página 83 deste livro citado lemos:

“Acontece que o evangelismo não trata do que é natural;

trata daquilo que é espiritual. Servimos a um Deus que diz:

“Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os Meus caminhos, diz o Senhor” – Isaías 55: 8.

E no evangelismo, como em todas as demais áreas da vida, a questão mais importante não é seguir a maioria, nem mesmo a maioria cristã, mas sim “procurando saber o que é agradável ao Senhor” – Efésios 5: 10.

Literalmente testar com a expectativa de descobrir sempre o que é agradável ao Senhor”.

“Em sua essência, o Evangelho é as boas novas acerca de uma Pessoa, o Senhor Jesus Cristo [...]. Não há Evangelho fora de Cristo, não há Evangelho sem Cristo e não há Evangelho desligado de Cristo [...]. A vida de Jesus não foi um mero espetáculo religioso de rua; Ele não veio para

representar, mas para dar a Sua vida!” (pg. 126 e pg. 127).

“O perigo hoje é tão grande quanto foi nos dias de Paulo – de produzirmos um cristianismo sem cruz, cujo lisonjeiro apelo gera fãs e não seguidores” – PAUL BASSETT (pg. 127).

JOHN BLANCHARD

Pregador, professor e escritor cristão. Em 2001 recebeu o título honorário de Doutor em Divindade da Pacific International University. Seu trabalho evangelístico está vinculado ao Projeto “Popular Christian Apologetics” que tem como objetivo principal a defesa racional da fé cristã.

O Cristão e a Música Rock

Autor: Samuele Bacchiocchi

(Editora Biblical Perspectives, Michigan, 2000)

“**A**leluia! Louvai a deus no Seu santuário; louvai-O no firmamento, obra do Seu poder! Louvai-O por Seus atos poderosos; louvai-O segundo a excelência da Sua grandeza! Todo ser que respira louve ao Senhor. Aleluia! – Salmo 150: 1, 2 e 6.

“Este Salmo só faz sentido se considerarmos a linguagem como sendo figurativa. Por exemplo, não há nenhuma possibilidade do povo de Deus poder louvar o Senhor “no firmamento do Seu poder”, porque o Seu povo vive na terra e não no céu” (pg. 223).

Portanto, o objetivo deste Salmo é “convidar todo aquele que respira, ou emite sons, para louvar ao Senhor em todos os lugares. Interpretar o Salmo como sendo uma permissão para dançar, ou tocar tambores na igreja, é con-

tradizer as regras que o próprio Davi deu com respeito ao uso de instrumentos na Casa de Deus” (pg. 223).

“... trabalhando na música do templo do Senhor, com címbalos, liras e harpas para o serviço do templo de deus ...” – I Crônicas 25: 6.

“Davi não instituiu apenas o tempo, o lugar e as palavras para a apresentação do coro levítico, mas ele também fez os instrumentos musicais para serem usados no seu ministério. É por isso que eles são chamados “os instrumentos de Davi” (pg. 206).

“... e quatro mil para louvarem ao Senhor com os instrumentos, que eu fiz para O louvar, disse davi” – I Crônicas 23: 5.

As trombetas eram usadas no templo para fazer sinal à congregação sobre o momento de ajoelhar-se em adoração e para fazer sinal ao coro levítico sobre o momento de cantar louvores. Os címbalos eram usados para anunciar o início de um cântico ou para anunciar o começo de uma estrofe de um cântico. Eram executados apenas pelo líder do coro.

“... Asafe, o chefe, e Zacarias, o segundo depois dele; Jeiel, Semiramote, Matitias, Eliabe, Benais, Obede-

Edom, com liras e com harpas. Asafe tocava os címbalos. Os sacerdotes Benais e Jaaziel tocavam trombetas continuamente diante da arca da aliança de deus”

– I Crônicas 16: 5 e 6.

“... Os sacerdotes estavam em seus devidos lugares, como também os levitas com os instrumentos musicais do Senhor, que o rei davi tinha feito para dar graças ao Senhor e que eram usados quando davi louvava, dizendo: Porque o Seu amor dura para sempre. Os sacerdotes tocavam trombetas diante deles; e todo o Israel ficava em pé” – II Crônicas 7: 6.

“Os levitas ficavam em pé, com os instrumentos de davi, e os sacerdotes com as trombetas. Ezequias ordenou que se oferecesse o sacrifício sobre o altar; e, quando começou o sacrifício, começou também o canto do Senhor, ao som das trombetas e dos instrumentos de Israel” – II Crônicas 29: 26 e 27.

“Uma restrição foi colocada aos instrumentos musicais e às expressões artísticas usadas na Casa de Deus. Deus proibiu vários instrumentos os quais eram permitidos fora do Templo nas festividades nacionais e no prazer social. A razão não é que certos instrumentos de percussão fossem maus por si [...]; a ra-

zão é que estes instrumentos eram comumente usados para produzir música de entretenimento, a qual era imprópria para a adoração na Casa de Deus. Através da proibição desses instrumentos e de estilos de música, assim como a dança, associados ao entretenimento secular, o Senhor ensinou ao Seu povo uma distinção clara entre a música sacra tocada no Templo e a música secular de entretenimento usada na vida social [...]. Nenhum instrumento de percussão foi permitido para acompanhar o coro levítico ou tocar como uma orquestra no Templo. O canto e a música instrumental no Templo deveriam diferir daquela usada na vida social do povo” (pg. 207 a pg. 209).

“Também organizou os levitas no templo do Senhor com címbalos, liras e harpas, conforme a ordem de Davi, de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã; porque esta ordem veio do Senhor, por meio de Seus profetas” – II Crônicas 29: 25.

“A música na igreja deveria diferir da música secular, porque a igreja, como o antigo Templo, é a Casa de Deus na qual nos reunimos para adorar ao Senhor e não para sermos entretidos” (pg. 209).

Na vida nômade pelo deserto, saindo do Egito rumo à Canaã (Palestina), as doze tribos do antigo Israel habi-

tavam em tendas e “as referências sobre música estavam principalmente com as mulheres que cantavam e dançavam ao celebrarem eventos especiais. Miriã conduziu um grupo de mulheres cantando e dançando para celebrar a derrota dos egípcios” (pg. 201).

“Então Miriã, a profetisa, irmã de Arão, pegou um tamborim, e as outras mulheres a acompanharam tocando tamborins e dançando. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque triunfou gloriosamente; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” Êxodo 15: 20 e 21.

Nas páginas 224 e 225 deste livro citado lemos:

“... estas danças não eram vistas como um componen-

te de um serviço divino. Elas eram celebrações sociais de eventos religiosos. A mesma coisa acontece hoje em países católicos onde as pessoas celebram anualmente dias santos organizando carnavais”.

“... ao contrário de suposições populares, a dança na Bíblia nunca foi executada como parte da adoração divina no Templo, na sinagoga ou na igreja apostólica”.

Nas páginas 227 e 228 deste livro citado lemos:

“Danças feitas por homens ou por mulheres nos tempos bíblicos, dentro de um contexto de um evento religioso, era uma forma de entretenimento social, em vez de ser parte do serviço de adoração. Elas poderiam ser comparadas às celebrações anuais de carnavais que acontecem hoje em muitos países católicos”.

“Homens e mulheres dançavam, não de modo romântico, em pares, mas danças processionais ou em círculos. Por causa da orientação religiosa da sociedade judaica tais danças folclóricas eram frequentemente caracterizadas como danças religiosas. Mas não há indicação na Bíblia de que qualquer forma de dança jamais estivesse associada ao serviço de adoração na Casa de Deus. Na realidade, as mulheres foram excluídas do ministério da música no Templo, aparentemente porque suas músicas eram associadas à dança e ao entretenimento”.

Adorar significa honrar e respeitar o que é sagrado. Sagrado é algo de imensurável valor por ser puro, ou seja, sem contaminação, sem misturas.

Música de Adoração é aquele tipo de música cujo objetivo é reverenciar o Criador do universo. Música de Adoração é o tipo de música que chama a atenção para o Criador e não para o ser humano. Música de Adoração é aquela

que leva o executante e o ouvinte a sentirem a dependência do Criador por ser Ele o Senhor da existência de tudo e de todos. Música de Adoração é aquela que eleva nossos pensamentos e sentimentos a um estado de reconhecimento da suprema santidade do Criador e de nossa conseqüente necessidade de sermos purificados. Música de Adoração é celebração, agradecimento e louvor ao Criador.

“Ele [davi] também designou alguns dos levitas para ministrarem diante da arca do Senhor, para celebrarem, agradecerem e louvarem ao Senhor, deus de Israel”
– I Crônicas 16: 4.

“Resumindo, o ministério da música no Templo foi conduzido por levitas experientes e maduros, que foram treinados musicalmente, preparados espiritualmente, apoiados financeiramente e servidos pastoralmente” (pg. 204).

Na página 221 deste livro citado lemos:

“Uma importante distinção deve ser feita entre música religiosa tocada para o entretenimento social e a música sacra executada para adoração no Templo. Não devemos nos esquecer que toda vida dos israelitas era orientada pela religião. O entretenimento era provido não por concertos ou apresentações

em um teatro ou num circo, mas pela celebração de eventos religiosos ou festivais, frequentemente através de danças folclóricas com homens e mulheres em grupos separados”.

“Acima de tudo Davi foi o fundador do ministério de música no Templo. Vimos que ele deu claras instruções aos 4000 músicos levitas pertinentes a quando cantarem e que instrumentos usarem para acompanhar seu coral. Sua omissão da dança na adoração divina dificilmente pode ser considerada como um lapso. Ao contrário, ela nos fala da distinção que Davi fez entre a música sacra executada na Casa de Deus e a música secular tocada fora do Templo para o entretenimento”.

“As obras da carne são evidentes, a saber: imoralidade, impureza e indecência; idolatria e feitiçaria; inimizades, rivalidades e ciúmes; ira, ambição egoísta, discórdias, partidarismo e inveja; bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a essas, contra as quais vos previno, como já vos preveni antes: os que as praticam não herdarão o reino de deus. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, amabilidade e domínio próprio. Contra essas coisas não existe lei. Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne juntamente com suas paixões e desejos. Se vivemos pelo Espírito, andemos também sob a direção do Espírito” – Gálatas 5: 19 a 25.

Nas páginas 213 e 214 deste livro citado lemos:

“No contexto de suas advertências com respeito às ma-

nifestações arrebatadoras na igreja de Corinto, Paulo pede equilíbrio na elaboração da música, aconselhando que o canto seja feito com a mente e também com o espírito. Aparentemente alguns cantaram em êxtase, sem que a mente tomasse parte. O cântico sem sentido é como o discurso sem sentido. Ambos desonram a Deus”.

“Cantar deveria ser para a edificação espiritual e não para a excitação física. O importante é que o canto, como todas as partes do serviço da igreja, era para edificar a congregação. O princípio bíblico, então, é que a música na igreja deveria contribuir para a edificação espiritual dos crentes”.

“... Orarei com o espírito, mas também com a mente; cantarei com o espírito, mas também com a mente [...] porque deus não é deus de desordem, mas sim de paz”
– I Coríntios 14: 15 e 33.

SAMUELE BACCHIOCCHI

Doutor em Divindade pela Andrews University of Michigan e Doutor em História da Igreja pela Pontifical Gregorian University (Vaticano). Atuou como professor e palestrante em seminários teológicos, em universidades, em reuniões profissionais e em encontros religiosos em vários países. Como teólogo foi autor de artigos em revistas cristãs e de livros de análise das Escrituras. Faleceu em 2008.

História da Música Gospel

Autor: Daniel Lattore

(Síntese do Artigo da Revista “Palco Gospel”, Ano I, nº 5, 2005)

A música gospel da atualidade é uma forma de música com profundas raízes na tradição dos escravos afro-americanos e nas músicas africanas tradicionais; é uma agregação da cultura africana com as tradições culturais européias.

As contribuições culturais dos escravos vieram de diversas áreas da África:

- 1) De Guiné e Senegal, que são regiões sob a influência do islamismo, eles levaram a música caracterizada por longas linhas melódicas, por cantos ornamentados e por instrumentos de corda;
- 2) De Nigéria e Gana, que são regiões de floresta tropical, eles levaram a música caracterizada por ritmos complexos e por grandes instrumentos de percussão;

3) De Angola e Congo eles levaram a música caracterizada pela polifonia vocal expressa por solista e grupo vocal.

Os escravos africanos, além da música, contribuíram para a formação histórico-cultural dos EUA também com suas danças e dramatizações em rituais de celebração de suas crenças religiosas.

A música africana tem um estilo cativante, dançante e empolgante. Em seu todo este estilo de música é uma complexidade polirítmica com batida forte constante, seguindo um sistema em que os ritmos são improvisados e alterados. A estrutura deste tipo de música é: (a) coro com acompanhamento instrumental, e (b) cantor solista com acompanhamento de coro.

Uma das principais características do estilo de música africano é o improviso melódico e textual entre solista vocal e coro, ou seja, o solista canta uma frase que é repetida (ou respondida) pelo coro. Muitas vezes o coro recebe o apoio da audiência através de comentários em voz alta.

No século dezenove os escravos africanos entoavam “canções de trabalho” durante sua lida nas fazendas dos “senhores brancos” nas regiões sul e central dos EUA. Es-

tas “canções” misturavam-se com a religião cristã, com a língua inglesa, com as tradições da igreja anglo-saxônica e resultou em um novo tipo de crença, em um novo tipo de esperança e em um novo estilo musical.

O novo estilo musical foi o “spiritual” que apresentava a forma das “canções de trabalho” e o conteúdo de textos bíblicos. Os “spirituals” eram criados durante o trabalho nos campos, ou durante os trabalhos servis domésticos, ou na senzala à noite quando estavam todos reunidos.

Os cultos religiosos dos escravos africanos eram, então, realizados por uma congregação barulhenta e ativa que ficava todo tempo respondendo ao sermão de um pastor negro itinerante com “Amém”, ou com “Sim, isso mesmo” ou com “Certamente”. O sermão era feito em forma rítmica e exaltada. Eventualmente o pastor, ou alguém da congregação, começava a cantar palavras do sermão ou de versos bíblicos. De imediato a congregação participava cantando e dançando. Qualquer instrumento musical que estivesse à mão era usado na música.

A base do gospel tradicional nos EUA veio dos “spirituals” que, por sua vez, seguiam o formato africano de

pergunta-resposta entre solista-coro. Os clássicos hinos cristãos europeus sofriam modificações de acordo com as necessidades e os propósitos dos escravos que impro- visavam novas e diferentes canções.

No começo do século vinte as comunidades afro-americanas pentecostais levaram suas músicas tradicionais originárias da África e seus “spirituals” para as igrejas cristãs de origem européia, influenciando-as com seus ritos típicos.

A música gospel que conhecemos hoje vem dos “spirituals” praticados nas igrejas de comunidades afro-americanas nos EUA. Tais igrejas pentecostais promoveram uma lenta e firme transformação na música religiosa cristã de formação européia. A consolidação do estilo gospel de música aconteceu com a migração dos afro-americanos para cidades do norte dos EUA, especialmente Chicago e New York após a Primeira Guerra Mundial.

THOMAS DORSEY (1899-1993), considerado o pai da música gospel, era filho de pastor batista. Aprendeu piano com sua mãe e veio a graduar-se na Escola de Arranjo e Composição em 1920 em Chicago. Começou sua carreira de músico tocando “blues” em bares e também

atuou em bandas de jazz. Depois de ouvir o jazzista Charles A. Tindley (1851-1933), em uma convenção de músicos na Filadélfia, Thomas começou a compor canções. Em 1928 suas composições totalizavam 460 canções nos estilos jazz e “rhythm and blues”. Em 1929 Thomas deu os primeiros passos para compor canções religiosas que mesclavam elementos do jazz, dos “blues” e dos “spirituals” ao tipo de estrutura dos hinos cristãos de origem europeia. A esta mistura denominou-se “gospel”.

Os cultos religiosos nas igrejas cristãs das comunidades afro-americanas passaram a ser uma mistura dos ritos tradicionais cristãos de origem europeia com as músicas gospel e suas manifestações de cantos e danças de origem africana. Inicialmente o canto, usando o “vi- brato”, era acompanhado apenas por palmas; depois foram adicionados violões e banjos como base melódica para cantores solistas e para pequenos grupos vocais; e depois o piano passou a ser o instrumento básico para acompanhamento do coro.

No final da década de quarenta foi adotado o uso do órgão HAMMOND. A associação do piano, que atuava ritmicamente, com o órgão, que sustentava os tons, tornou-se o padrão do estilo gospel até a década de setenta.

Na década de cinquenta os cantores gospel inspiraram os cantores de “rock n’ roll” como Elvis Presley, Little Richard e Jerry Lee Lewis. As canções apresentadas por esses cantores faziam uso da forma gospel de música com textos agressivos e com mensagens sexuais. Essas canções passaram a ser consumidas comercialmente como entretenimento por negros e brancos nos EUA. E a partir das décadas de setenta e oitenta a música gospel recebeu o acompanhamento do sintetizador e de novas tecnologias.

Os adeptos da música gospel de hoje consideram que ainda há muito que se fazer neste estilo de música para unir espírito e corpo, não importando a ideologia da elevação espiritual. Seus adeptos pretendem expressar o que chamam de totalidade da experiência entre corpo e alma.

dANIEL LATTORE

Pianista e organista que iniciou sua carreira profissional ainda adolescente se apresentando em bares de São Paulo. É especializado em jazz, blues, rock e gospel tocando em órgão Hammond. É o divulgador da marca Hammond no Brasil.

NOTA: Gospel origina-se da expressão da língua inglesa “God spell”.

A palavra “god” significa ídolo, deus, divindade;

A palavra “spell” significa magia, feitiço, encanto.

Portanto, o significado primitivo da palavra Gospel é “feitiço divino” ou “magia divina”.

(Webster’s New Ideal Dictionary, Ed. Merriam Company, Massachusetts, USA, 1968)

Comentário

Autor: Jenise Torres

Considerando-se o prim

louvor “a quem” e “para que”, é interessante que se façam algumas reflexões sobre um importante registro bíblico no Antigo Testamento em Levítico 10:

“E aconteceu que Nadabe e Abiú, filhos de Arão, pegaram cada um seu incensário e, pondo nele fogo e incenso, ofereceram fogo não permitido diante do Senhor, o que Ele não lhes havia ordenado. Então saiu fogo de diante do Senhor e os devorou; e morreram diante do Senhor. E Moisés disse a Arão: Foi isto que o Senhor falou: Manifestarei Minha santidade entre aqueles que se aproximarem de Mim e serei glorificado diante de todo o povo. Mas Arão ficou em silêncio” (versículos 1 a 3).

E o Senhor também falou a Arão: Nem tu nem teus filhos bebereis vinho nem bebida forte quando entrardes na tenda da revelação, do contrário morrereis; este é um estatuto perpétuo através das vossas gerações, não somente para fazer separação entre o santo e o profano, e entre o puro e o impuro, mas também para ensinar aos israelitas todos os estatutos que o Senhor lhes tem dado por meio de Moisés” (versículos 8 a 11).

O Criador deixou claro o que era e o que não era permitido no Santuário com referência a cada detalhe na prática dos rituais e das cerimônias. Deduzimos, então, que o princípio de valor que se pretende evidenciar no registro bíblico acima é o de ensinar a todas as pessoas, de todos os tempos e de todos os lugares, sobre a diferença entre santidade e impureza, sobre a diferença entre as finalidades espirituais e os propósitos materiais no cotidiano humano.

A Música que Agrada a Deus

Autor: Hélio dos Santos Pothin

Muitas pessoas hoje te

mesmas. Elas querem tocar, sentir e receber. Contudo, o objetivo principal da adoração é render honra e tributo ao Criador, sentindo Sua presença e conectando-se à fonte da vida. A adoração está centralizada unicamente em Deus e não no gosto do adorador.

Na Bíblia o apóstolo relata que verdadeiros adoradores adorarão a Deus em espírito e em verdade, porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores (João 4: 23). Em adição, Paulo diz para orar e cantar com o espírito e a mente (I Coríntios 14: 15).

Quando adoramos a Deus em espírito (emoções) e em verdade (mente), entramos numa conexão tal com Deus

que experimentamos transformação pessoal. Portanto, a adoração não é algo centrado em nós, mas em Deus.

Enquanto a música executada para adoração a Deus seguir os princípios infalíveis contidos em Sua palavra, ela continuará sendo sacra. Por outro lado, devido à influência de Satanás no mundo, surgiu música diferente a qual não é apropriada para a adoração a Deus, não agrada a Ele; ou seja, é música profana, comum.

A música é um meio tão intenso e importante de contato dos seres criados com seu Criador que Deus doou a Lúcifer uma capacidade inigualável para executar e dirigir música celestial. Desde o Céu, portanto, a música sacra ficou instituída para um propósito santo. Este propósito é agradar a Deus.

Com a decisão de Lúcifer de não mais adorar a Deus, mas de ser adorado, foi destituído de suas funções e de seus privilégios. Lúcifer foi expulso do Céu. Não perdeu, porém, a capacidade musical que recebeu. Aqui em nosso planeta usa sua esplêndida capacidade para fazer também da música um ato para sua adoração e desvirtuar, assim, a adoração a Deus. Em vista disso, através da música os seres humanos podem adorar ou ao Criador ou a Satanás.

Através da música Deus pode comunicar-Se conosco e revelar alguns aspectos de Sua natureza divina. Como tal, a música pode ser usada para promover a saúde física, emocional e mental do indivíduo. Visto que a música pode ter acesso ao cérebro e ser desfrutada sem que seja avaliado o seu conteúdo moral, é fácil de ver como Satanás pode obter acesso à mente. Deste modo, ele é capaz de obscurecer as percepções espirituais, bem como suscitar ou estimular certos estados emocionais (www.musicaeadoracao.com.br: H.Lloyd Lene. *Influência sobre a Mente*. R.A., abril, 1977, p. 40 a 43).

Precisamos nos lembrar que a música não é apenas um veículo para as palavras, mas tem uma mensagem em si mesma. Ela tem poder para ressaltar a mensagem das palavras que acompanha ou para corrompê-la. A música pode enobrecer o impacto das palavras ou diminuí-lo (www.musicaeadoracao.com.br: Vernon E. Andrews. *Avaliação da Música na Igreja: uma abordagem bíblica*, agosto, 1988).

As emoções estimuladas pela música devem estar adequadas às palavras. As palavras acerca do Amor de Jesus apresentadas com uma música que estimula ira, violência e agressão produzem uma comunicação confusa da verdade, a qual é moralmente repreensível e não apenas uma questão de gosto

(www.musicaeadoracao.com.br: W.H.M. Stefani. Música e Moralidade: O Cristão e a Música Rock. p. 354).

Os principais elementos de uma composição musical são: melodia, harmonia, ritmo, timbre e andamento. O que define o tipo de música são a disposição e a relação entre seus elementos, e os efeitos que eles produzem no organismo das pessoas.

Música é a arte de combinar os sons de um modo agradável ao ouvido. O som é uma forma de energia que se propaga através de ondas de compressão e descompressão do ar. Quando essas ondas chegam aos nossos ouvidos, as células ciliadas do interior da cóclea as transformam em impulsos elétricos. Esses impulsos são conduzidos pelos nervos e por isso também são chamados impulsos nervosos.

Para que o nosso sistema nervoso possa interpretar a melodia e a harmonia da música, é preciso que as ondas sonoras que chegam ao nosso sistema auditivo sejam Tons; ou seja, tenham comprimento definido (frequência determinada). Existem vários instrumentos que produzem Tons como, por exemplo: piano, flauta, violino, trompete, clarinete, etc. Outros instrumentos, porém, não produzem Tons e sim ruídos. São eles: sinos comuns, castanholas, chocalhos, pratos,

vários tipos de tambores (caixa, bumbo, pandeiros, bateria, etc). De fato, o que a maioria dos tambores faz é uma explosão de barulho (Robert Jourdain. Música, Cérebro e Êxtase, Editora Objetiva, RJ, 1998, p. 65).

Os instrumentos musicais que não produzem Tons, mas sim ruídos, aumentam os níveis dos hormônios do estresse nos ouvintes e somente podem ser usados para acentuar o ritmo, pois não produzem nem harmonia nem melodia.

A harmonia é a ciência de combinar sons de uma forma que juntos soem bem, pois assim nosso sistema nervoso os traduz como algo agradável. Aos sons que combinam chamamos de consonantes; e aos sons restantes chamamos de dissonantes, porque faltam ordem e relação entre eles. Os sons percebidos pelo nosso sistema nervoso como dissonantes (barulho, ruído) provocam desconforto e ansiedade (Robert Jourdain. Música, Cérebro e Êxtase, Editora Objetiva, RJ, 1998, p. 139 e 153).

A harmonia é inerentemente intelectual, pelo fato de ser processada na região do lobo frontal do cérebro. Tal região é responsável pela razão, pelo raciocínio, pelo entendimento, por elaborar os pensamentos (mente) e pelas decisões; ou seja, é a região intelectual do cérebro em que

analisamos os conceitos adquiridos para distinguir o certo do errado. Esta região é essencial para a consciência, pois é nela que o Espírito Santo age.

A melodia é processada e influencia o sistema límbico, região do sistema nervoso central responsável pelas emoções como alegria, ira, reverência, paz, medo, etc.

O ritmo da música tem a capacidade de influenciar os ritmos do corpo, portanto é o elemento da música que exerce a influência mais abrangente no nosso organismo.

Quando o som da música com ritmo repetitivo e acentuado (marcado) alcança nosso sistema auditivo, ele é transformado em impulsos nervosos os quais são enviados a várias partes do nosso corpo. Além de estimular os músculos a produzirem movimentos físicos, as descargas de impulsos nervosos produzidas por ritmos que marcam ou acentuam os tempos fracos e os contratempos (sincopado) estimulam, também, vários centros nervosos no Tronco Cerebral (Robert Lent. Cem Bilhões de Neurônios, Editora Atheneu, SP, 2004).

O ritmo repetitivo sincopado e marcado, semelhantemente às drogas psicoativas, aumenta os níveis de

neurotransmissores (noradrenalina, serotonina e dopamina) e de adrenalina no sistema nervoso central, gerando prazer. Esta sensação de prazer tende a desejar ser repetida e, se não for repetida, o sistema nervoso central sente necessidade dela. Esta necessidade gera a dependência. À medida que esta sensação de prazer é repetida a um nível cada vez maior, mais estímulo é requerido para produzir o mesmo efeito anterior. A repetição do estímulo leva à tolerância (H.P. Range e col., Farmacologia, 5ª edição, Elsevier, RJ, 2004). A tolerância reforça a dependência e, superando o controle voluntário, é gerado o vício. A música com este tipo de ritmo ativa alguns dos mesmos sistemas de recompensa estimulados por comida, por sexo e por drogas (Norman M. Weinberger. Mente e Cérebro – segredos dos sentidos. Scientific American Brasil, Ediouro, SP, edição especial nº 12, p. 53).

A música de adoração a Deus é executada com ritmo natural, utilizando a melodia e a harmonia que são os elementos da música influenciadores das emoções e da mente, respectivamente.

A música, que antes era usada unicamente para adorar a Deus, mudou após a queda de Lúcifer e a entrada do peca-

do no mundo. Satanás instituiu a música profana com ênfase no ritmo repetitivo e marcado por instrumentos que produzem ruído, a fim de afastar os homens da influência do Espírito Santo de Deus. Ao longo do tempo esse tipo de música foi usado pelos povos pagãos para adoração aos seus deuses, para estimular orgias e para induzir ao transe e à possessão demoníaca (Vanderlei Dorneles. *Cristão em Busca de Êxtase*, Unaspress, SP, 2006; W.H.M. Stefani. *Música Sacra, Cultura e Adoração*, Unaspress, SP, 2002).

Hoje nos deparamos com música profana usada com palavras sagradas. Esta música é tocada e escutada nos lares, nos automóveis, nos lugares de shows populares e religiosos e, desinformadamente, nas igrejas como adoração ao Criador.

A história revela que os ritmos sincopados, que alteram o estado de consciência, são originários do Egito. Os sacerdotes, nos templos, utilizavam intencionalmente síncope complexas para induzir a transe, êxtases, alucinações, convulsões e estados de inconsciência. Este procedimento chegou ao Congo, na África Central, onde se transformou no centro de rituais do Vodun.

Este tipo de música com ritmo repetitivo, sincopado e acentuado foi levado para os EUA pelos africanos es-

cravizados e misturou-se com a música cristã européia de ênfase na melodia e na harmonia. Com o passar do tempo este tipo de música tomou forma própria e passou a ser conhecida como música religiosa evangélica (gospel), pop-religiosa ou comercial (www.musicaeadoracao.com.br : Louis R. Torres, Adventists Affirm., vol. 13, nº1, spring, 1999, p. 17 a 20, Dario P. Araújo. Música, Adventismo e Eternidade, Editora Líder, Londrina, PR, 4º edição, 2007, p. 13 a 21).

Importante salientar, ainda, que as palavras cristãs não atenuam os efeitos físicos que os elementos da música gospel produzem e, por isso, não a tornam apropriada para adoração a Deus.

No Antigo Israel o povo sofreu influência politeísta por diversos períodos de sua história; o que levou o profeta Amós a ser usado por Deus para transmitir a seguinte mensagem:

“Eu detesto e desprezo as vossas festas; não Me agradeis das vossas assembléias solenes. Ainda que Me ofereçais sacrifícios com as vossas ofertas de cereais, não Me agradarei deles; nem olharei para as ofertas pacíficas de vossos animais de engorda. Afastai de Mim o

som dos vossos cânticos, porque não ouvirei as melodias das vossas liras” – Amós 5: 21 a 23.

Karl Tsatalbasidis, ex-baterista de banda de jazz e hoje cristão, comentou sobre o uso da bateria:

1) Pessoas sinceras confundem tambores e instrumentos de percussão com bateria. Este erro leva a uma falsa conclusão de que a bateria poderia ser considerada aceitável na adoração, a partir do fato de que na Bíblia são mencionados alguns instrumentos de percussão e tambores. Não é correto pensar que os instrumentos de percussão citados na Bíblia para adoração poderiam ser tocados da mesma maneira que a bateria é tocada hoje;

3) A bateria foi inventada para o único propósito de fortalecer as músicas jazz, “blues”, “rhythm and blues” e todas as variedades de “rock n’ roll”. Por isso, ela não pode estar separada de suas músicas de origem (jazz e rock);

4) Nenhuma música pode incorporar a bateria sem, automaticamente, transformar-se em rock, em jazz ou em seus híbridos;

5) O rock e o jazz estão associados a sexo, drogas, ocultismo e rebelião. São tipos de música inadequados para adoração. Portanto a bateria, que é a força motriz destes tipos de música, é inadequada para adoração ao Criador;

6) A música tocada com bateria prega um padrão estranho ao Evangelho. Este padrão é o “relativismo”, ou seja, afirma que o “certo” e o “errado” dependem da cultura de cada povo;

7) A música rock foi planejada para ser “sentida” e não para ser ouvida. Colocar palavras religiosas neste tipo de música não anula os efeitos dos ritmos e nem torna cristã esta música. Como os cristãos podem reivindicar bênçãos divinas, usando este tipo de música que prega o espiritualismo e o falso evangelho? ;

8) Muitos acreditam que a única maneira eficaz de alcançar a nova geração é incorporar música rock, e a bateria, no serviço de adoração. Eu sei, por experiência própria, que tal pensamento é errado;

9) Na filosofia bíblica de música a melodia e a harmonia têm prevalência sobre o ritmo e é por isso que todos os instrumentos de percussão foram excluídos da adoração ao Criador. A bateria não produz nem melodia nem harmonia, ela produz apenas ritmo. A bateria não tem habilidade para acompanhar a voz humana sem sufocá-la. Usar a bateria na adoração é uma completa contradição aos princípios bíblicos registrados tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Não existe lugar para a bateria no serviço de adoração ao Criador nos dias de hoje;

10) Como podem cristãos, que querem louvar a Deus no Céu e glorificar a Jesus Cristo, se propor a tentar har-

monizar as origens pagãs da bateria, do rock e do jazz com adoração ao Criador nos cultos? ;

11) Eu acredito fortemente que Satanás tem usado a bateria como conduto para seus demônios e eles irão para onde este instrumento for tocado, provocando a destruição na igreja e na vida dos crentes.

(Drums, Rock and Worship – modern music in today’s church, Amazing Facts, Roseville, CA, USA, 2003).

Podemos concluir que a música que agrada a Deus é aquela executada com a mente e as emoções; é aquela executada através da melodia, da harmonia e com ritmo natural, sem dissonância e sem movimentação física.

Em contrapartida, o ritmo marcado, repetitivo e/ou sincopado tocado por instrumentos que produzem ruído, em que a bateria é o principal instrumento, é característico da música profana que hoje é representada pela música popular e suas várias divisões, incluindo a música gospel.

Podemos concluir, também, que os instrumentos que não produzem nem harmonia nem melodia, mas apenas ruídos (bateria, chocalhos, pratos, triângulos, etc), servem

unicamente para acentuar o ritmo em detrimento da harmonia e da melodia, introduzindo, assim, um elemento profano na música sacra. Esse desequilíbrio em favor do ritmo acentua os efeitos físicos e atenua a influência da mente. Portanto, estes instrumentos são adequados para a música profana e não para a música sacra; seja o som produzido por instrumentos tradicionais acústicos, por instrumentos elétricos, por instrumentos eletrônicos ou por gravações (“play back”).

Quando Deus designou os instrumentos para executar música para Sua adoração no templo de Israel, Ele excluiu os tambores.

“Também organizou os levitas no templo do Senhor com címbalos, liras e harpas, conforme a ordem de Davi, de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã; porque esta ordem veio do Senhor, por meio de Seus profetas” – II Crônicas 29: 25.

O nome de Deus é profanado quando usado em músicas com ritmo profano, como na música gospel ou comercial, seja ela cantada ou tocada através do rádio, em casa, na igreja ou em qualquer outro ambiente.

“Não tomarás o nome do Senhor teu deus em vão; porque o Senhor não considerará inocente quem tomar o Seu nome em vão” – Êxodo 20: 7.

Deus não aceita adoração com música em que a letra sagrada esteja misturada com o ritmo profano, mesmo que a melodia e a harmonia sejam consideradas belas.

“Guardareis os Meus mandamentos e os cumprireis. Eu sou o Senhor. Não profanareis Meu santo nome; serei santificado [....]. Eu sou o Senhor que vos santifico” – Levítico 22: 31 e 32.

HÉLIO DOS SANTOS POTHIN

Doutor em Fisiologia Humana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Professor de Fisiologia Humana na Universidade Federal de Santa Maria - RS,
trompetista e regente de coro em igreja cristã.

Conclusão

É responsabilidade individual da pessoa cristã conhecer os parâmetros divinos de princípios e valores expressos nas Escrituras, que são de livre acesso, a fim de fazer uma escolha consciente sobre a atividade musical adequada ao Templo, que é o ambiente de adoração ao Criador, tanto como praticante quanto como ouvinte.

“Senhor, faz-me saber Teus caminhos; ensina-me Tuas veredas” – Salmo 25: 4.

“Toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; a fim de que o homem de deus tenha capacidade e pleno preparo para realizar toda boa obra” – II Timóteo 3: 16 e 17.

Jenise Torres

Organizadora da Coletânea

Adoração.

Obedecer ou desobedecer?

Vida ou morte?

Esses opostos representam as escolhas que irão finalmente afetar nosso destino eterno.

Qual deles você irá escolher?

“Não vos enganeis:

Deus não se deixa zombar.

Portanto, tudo o que o homem semear, isso também colherá”.

Gálatas 6:7

Elias Reis de Azevedo